



LER E ESCREVER NA ALDEIA LOBÓ: REGISTROS DO INGRESSO NA CULTURA ESCRITA DO POVO PAITER SURUI

Carolina Patihweiyway Suruí

Universidade Federal de Rondônia

patihweiyway@gmail.com

Josélia Gomes Neves

Universidade Federal de Rondônia

joseliagomesneves@gmail.com

GT Alfabetização Intercultural

RESUMO – Este texto discute os processos iniciais de leitura e escrita em escolas indígenas. Trata de um recorte do estudo produzido e concluído no PIBIC/UNIR/CNPq no ciclo 2020-2021. O objetivo foi compreender como as crianças indígenas, Paiter Suruí da Aldeia Lobó, Escola Indígena *Paiterey* estão aprendendo a ler e escrever tendo como base teórica os estudos de Ferreiro; Teberosky (1991), Neves (2009), além de reexaminar aspectos da cultura (MINDLIN, 1985). A pesquisa de caráter qualitativo e documental analisou atividades retiradas de cadernos de estudantes. Os resultados informam que as crianças Paiter estão se alfabetizando a partir da orientação das concepções de alfabetização, ora do construtivismo, ora do empirismo. Uma reflexão importante para a comunidade Lobó, Universidade Federal de Rondônia e Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) considerando a importância da língua escrita no mundo atual.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Intercultural. Povo Paiter Suruí. Aldeia *Lobó*. Educação Escolar Indígena.

INTRODUÇÃO

O presente estudo faz parte do projeto de Pesquisa: “Alfabetização Intercultural - estudos sobre os processos de compreensão da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia” correspondente ao ciclo 2020-2021 realizado na Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná.

O objetivo foi compreender de forma introdutória, como as crianças indígenas, do Povo Paiter Suruí estão aprendendo a ler e escrever. O estudo foi realizado na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental (EIEEF) *Paiterey*, na Aldeia Lobó, Linha 11, Terra Indígena Sete de Setembro, em Cacoal, estado de Rondônia, espaço atual de moradia do Povo Suruí, comunidade falante da língua Paiter/Tupi Mondé. Foi criada por meio do Decreto nº 8.494/1998. A justificativa desta pesquisa apoia-se na necessidade de ampliar a compreensão sobre as aprendizagens iniciais do ler e escrever, atos importantes da cultura escrita em contextos indígenas.

Situamos esta proposição investigativa como uma pesquisa qualitativa preocupada em entender “[...] os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. (GODOY, 1995, p. 21), neste caso específico, as aprendizagens do ler e escrever protagonizadas pelas crianças indígenas Paiter Suruí.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o estudo utilizou as seguintes fontes de dados: a pesquisa documental, recurso que examina materiais que não foram analisados (GIL, 2018). Para este texto selecionamos 3 (três) atividades extraídas de cadernos escolares das crianças indígenas porque “[...] traduzem práticas educativas e, em especial, práticas avaliativas. [...]”. (MIGNOT, 2005, p. 41). Assim, as atividades registradas pelas crianças nos cadernos escolares apresentaram pistas importantes sobre o ingresso da sociedade Paiter no mundo da escrita.

O trabalho foi realizado de forma remota em função da pandemia da covid-19 com o amparo na Portaria nº 544/2020 do Ministério da Educação (MEC). Na oportunidade, para viabilizar os encontros de estudos, orientações e coleta de dados foram utilizados os aplicativos WhatsApp e Google Meet.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico apresenta os resultados e discussões a respeito do trabalho desenvolvido por meio do Plano de Trabalho Alfabetização Intercultural Paiter Suruí na Aldeia *Lobó*, Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental (EIEEF) *Paiterey*, na Terra Indígena Sete de Setembro-RO. Buscou compreender de forma introdutória, como as crianças indígenas estão aprendendo a ler e escrever.

Mas, antes de adentrar no espaço escolar uma das tarefas propostas foi selecionar uma imagem que mostrasse o uso da escrita fora do ambiente escolar. Em nossos estudos discutimos a importância de entender a linguagem escrita como um objeto social e não apenas escolar.

Localizamos um material que registrou um o resultado do trabalho coletivo na Aldeia Lobó coordenado pela liderança Ibjaraga Surui referente à sustentabilidade ambiental e econômica a partir da produção de bananas.

Figura 1 – Produção sustentável



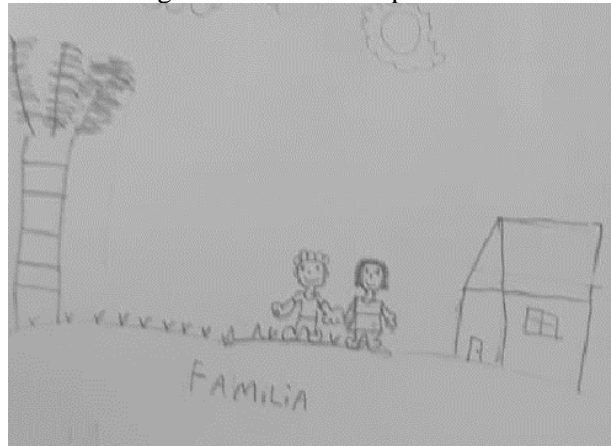
Fonte: Dados da pesquisa¹

Este registro permite pensar no significado da entrada da tecnologia digital nas aldeias, como uma dimensão bem maior. Consideramos que as experiências com materiais escritos ou digitais não são ignorados: “Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado”. (LOPES, 2010, p. 4).

Além do espaço da comunidade, no período de agosto/setembro de 2020 e janeiro/fevereiro de 2021 procuramos localizar os escritos infantis. As atividades localizadas no início dos cadernos das crianças indígenas Paiter da Aldeia Lobó Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental (EIEEF) *Paiterey* envolvem o desenho e uma possível cópia da palavra família em língua portuguesa. Para os atuais estudos de alfabetização, desenho e escrita são duas situações semelhantes em relação à representação, mas não são iguais: “No nível psicogenético, a escrita mantém relações muito estreitas com o desenho e com a linguagem, mas não é nem a transcrição da linguagem, nem um derivado do desenho.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 64).

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2021/com-apoio-da-funai-etnia-paiter-surui-consolida-producao-de-banana-em-rondonia> Acesso em: 2 set. 2021.

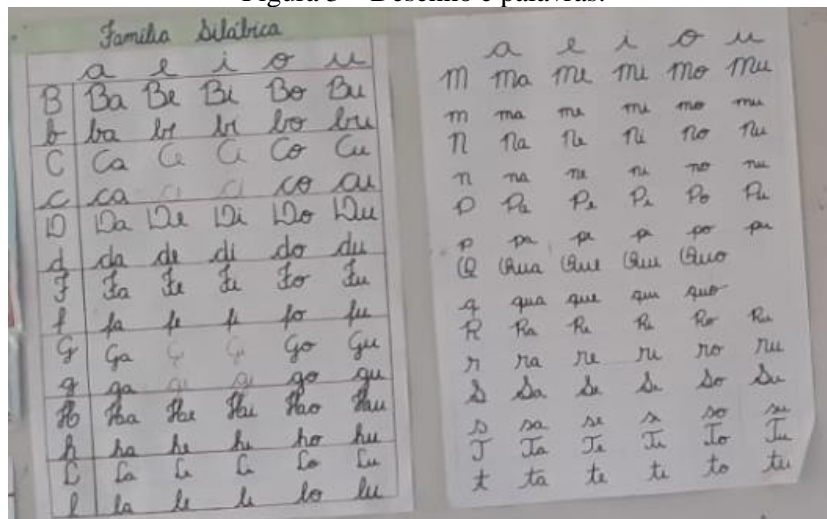
Figura 2 – Desenho e palavras.



Fonte: Dados da pesquisa

Localizamos também imagens com apresentação das vogais seguidas de um conjunto de família silábica em língua portuguesa com letras maiúsculas e minúsculas. Uma amostra da presença da concepção empirista de alfabetização na escola indígena, um jeito de trabalhar que aposta na memorização e na fragmentação da língua escrita. Paulo Freire (1989) chamava essa forma de trabalhar como “educação bancária”, neste caso é uma situação em que as crianças precisam memorizar ou decorar muitas sílabas geralmente sem compreensão do que estão fazendo.

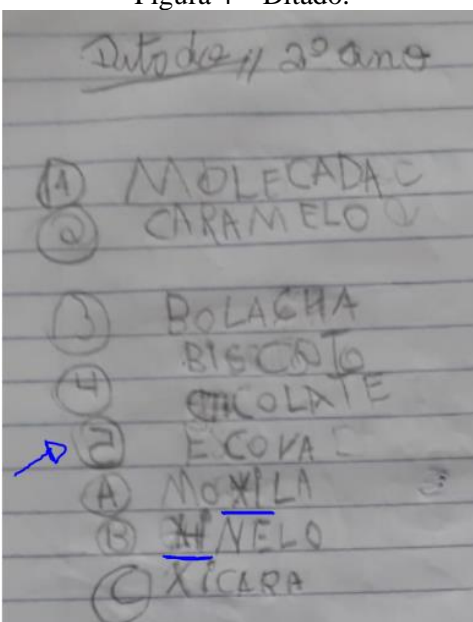
Figura 3 – Desenho e palavras.



Fonte: Dados da pesquisa

Mas, além das atividades empiristas, aquelas baseadas na repetição de letras e sílabas que ficaram conhecidas pelas cartilhas (WEISZ, 2001), encontramos outros registros que sugerem uma maior participação das crianças na construção inicial do conhecimento da leitura e da escrita.

Figura 4 – Ditado.



Fonte: Dados da pesquisa

Estamos nos referindo a uma atividade de escrita e não de cópia, diz respeito a um ditado produzido por uma criança do 2º ano com o registro de 9 (nove) palavras: molecada, caramelo, bolacha, biscoito, chocolate, escola, mochila, chinelo e xícara. Destacamos as escritas de mochila, “moxila” e chinelo, “xinelo”, porque são produções apoiadas na oralidade, geralmente nesta etapa as crianças escrevem como falam. Mas, mesmo que possam errar são atividades importantes na alfabetização, pois: "Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado". (FERREIRO, 1985, p. 16). São Erros Construtivos que dão pistas sobre os saberes dos aprendizes. (NEVES, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto apresentamos os resultados parciais de um estudo desenvolvido do PIBIC/UNIR/CNPq (2020-2021). A finalidade foi compreender de forma introdutória, como as crianças indígenas, Paiter Suruí estão aprendendo a ler e escrever. Os resultados informam que o processo de alfabetização envolve a orientação de duas concepções de alfabetização: a proposta construtivista - escritos com maior participação do/a aprendiz e a concepção empirista – reprodução de letras, sílabas e palavras.

Avaliamos que o estudo pode representar uma reflexão importante para as discussões na própria comunidade Lobó, na Universidade Federal de Rondônia e na Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) considerando a importância da comunicação em língua escrita no contexto atual.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a Alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed. Porto Alegre, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. (2. Reimpr.). 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

LOPES, Janine Ramos. **Caderno do educador: alfabetização e letramento**. Programa Escola Ativa. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

MIGNOT, A. C. V. Vitrine de guardados: exposições de escritas ordinárias como estratégia de preservação da memória escolar. **Resgate**, nº 14, 2005 p. 35-48.

MINDLIN, Betty. **Nós Paiter**. Os Suruí de Rondônia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas**. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista. Araraquara-SP, 2009.

NEVES, Josélia Gomes. "Tudo certo como dois e dois são cinco": o erro construtivo em Matemática no Ensino Fundamental. **Psicopedagogia Online**, São Paulo, 2006.

WEISZ, Telma. Idéias, concepções e teorias que sustentam a prática de qualquer professor, mesmo quando ele não tem consciência delas. In: BRASIL. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA)**. Brasília: MEC, 2001.